

“COM QUEM VOCÊ DEIXA SEUS FILHOS?”: TRAMAS DO CUIDADO NA CARREIRA DE MULHERES MÃES NA MATEMÁTICA

Glauber Carvalho da Silva¹
Milena Mateuzi Carmo²

RESUMO

Este artigo trata de como o trabalho do cuidado recai sobre mulheres que buscam construir suas carreiras na docência e na pesquisa em Matemática, bem como é agenciado por elas. Compreendendo gênero como uma construção sociocultural, que busca normatizar a forma de agir, ser e pensar dos indivíduos segundo ideais de feminilidade e masculinidade, percebe-se que o cuidado na sociedade brasileira é entendido como uma característica inerente às mulheres, enquanto o saber matemático é associado a uma habilidade masculina. Se em todas as profissões, a construção de carreiras já é um desafio para mulheres, sobretudo para mães, o que significa ser mulher e mãe em uma área identificada com homens? Ou, quais as dimensões do cuidado que atravessam o cotidiano dessas mulheres? Quais agenciamentos produzidos por elas na docência e pesquisa em Matemática? Com arcabouço teórico da antropologia, este trabalho objetiva discutir essas questões. Desse modo, é proposto uma análise da live intitulada “Maternidade, Maternagem e Carreira”, na qual cinco mulheres mães, pesquisadoras e professoras de Matemática – de gerações e trajetórias distintas – debatem sobre suas histórias e experiências que envolvem o trabalho do cuidado e as dificuldades para manter sua vida profissional e acadêmica. Por fim, analisando as narrativas sobre si por parte dessas mulheres, argumenta-se que trabalho acadêmico, docência e cuidado estão profundamente imbricados nas suas trajetórias de vida, nas quais ora se destaca a sobrecarga, ora os agenciamentos que envolvem desde a produção de subjetividades, como a própria construção do conhecimento da Matemática.

Palavras-chave: Cuidado, Mulheres, Carreira, Matemática.

1 Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade de São Paulo – USP, glaubercarvalho90@gmail.com;

2 Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo – USP, mmateuzi@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O trabalho do cuidado não é uma temática nova, sobretudo nos estudos feministas. Contudo, como asseveram Nadya Guimarães e Priscila Vieira (2020), é o cuidado como profissão mais frequentemente o foco principal das pesquisas acadêmicas, dando destaque às atividades de enfermeiras, cuidadoras domiciliares ou trabalho doméstico remunerado. Entretanto, como bem pontuam essas autoras, é necessário um olhar para além do cuidado como profissão, a fim de compreender a heterogeneidade de práticas que podem caracterizá-lo. Para além do trabalho remunerado do cuidado, afirmam ainda as autoras, cuidar é uma tarefa que se impõe como obrigação definida em termos de gênero. Abarcando assim uma multiplicidade de práticas que envolvem a responsabilização e o trabalho para garantir a sobrevivência e bem-estar de outras pessoas.

Partindo da compreensão de que mulheres são constituídas de significados históricos e sociais, segundo os apontamentos de Guita Debert e Mariana Pulhez (2019), é colocado em xeque a tentativa de universalizar a categoria mulher, que se esvazia da realidade. Sendo assim, a partir dessas autoras, vale colocar que o cuidado não é igualmente exercido por todas as mulheres, da mesma forma que a ética do cuidado não se emana somente das mulheres ou de todas elas. Contudo, o cuidado está fortemente associado às atividades femininas. Nesse sentido, é imprescindível que as pesquisas acerca do cuidado levem em consideração a sua articulação com o gênero, sem deixar de lado, quando necessário, outros marcadores sociais, como é evidenciado em Denise Pimenta (2020), Alessandra Oliveira e Milena Carmo (2020) e Guimarães e Vieira (2020).

Particularmente, Oliveira e Carmo (2020) evidenciam a racialização e generificação da pandemia da Covid-19, ao acometer a população brasileira. Com o texto, as autoras estampam o cansaço e a sobrecarga de mulheres negras e periféricas no exercício do cuidado, ao mesmo tempo que mostram o cuidado como uma prática capaz de reconstruir laços e mundos. Paralelamente, Pimenta (2020) ao analisar a epidemia de Ebola em Serra Leoa, demonstra como o cuidado foi intensificado fazendo com que as mulheres ficassem ainda mais sobrecarregadas e expostas à infecção. Diz a autora:

(...) o mesmo *amor* que cuidava, colocava estas mulheres e meninas em situações de vulnerabilidades e risco (...) O mesmo cuidado que salvava, também matava (Pimenta, 2020, p. 11, grifos da autora).

De acordo com Pimenta, as mulheres eram as agentes primárias do cuidado e, assim como notam Oliveira e Carmo, durante as calamidades de crises sanitárias,

seus fardos “na gestão da vida e da morte nas suas comunidades” (Pimenta, 2020, p. 11) ficavam ainda mais pesados. Sendo assim, pandemias e epidemias evidenciam o generificado, silencioso e invisibilizado trabalho do cuidado ressaltando sua importância para manter a vida

Partindo dessas discussões, este artigo deseja perscrutar as articulações e dimensões de cuidado que atravessam a realidade de mulheres mães em sua carreira na Matemática – aqui colocada no singular e em maiúscula para se referir à Matemática hegemônica, entendida aqui como eurocêntrica e que se faz presente mormente na academia – assim como seus agenciamentos. Por conseguinte, o autor e a autora partem compreendendo gênero como uma categoria que mobiliza noções sobre ser, agir e pensar na sociedade. A ideia de “ser bom em Matemática” está associada aos meninos, conforme explora Heather Mendick (2005). Para essa autora, a construção da habilidade Matemática como natural, individual e masculina apaga o processo de construção de tal habilidade. Mendick reflete sobre como o contexto sociocultural constitui o gênero feminino e a Matemática em termos opostos, dificultando meninas e mulheres a se entenderem como boas na Matemática, fazendo com que elas desistam, ainda muito cedo, de seguir no campo da Matemática. Nesse sentido, mulheres que ingressam na área da Matemática, já teriam superado diversos obstáculos. No entanto, tais impedimentos não se limitam aos processos de identificação de gênero, mas continuam se impondo na vida de mulheres que constroem suas trajetórias acadêmicas e profissionais em um campo tão masculinizado e ainda são não apenas identificadas, mas sobrecarregadas com a tarefa do cuidado.

Dessarte, este trabalho objetiva discutir as seguintes questões: se em todas as profissões, a construção de carreiras já é um desafio, para mulheres, sobretudo para mães, o que significa ser mulher e mãe em uma área identificada com homens? Ou, quais as dimensões do cuidado que atravessam o cotidiano dessas mulheres? Quais agenciamentos produzidos por elas na docência e pesquisa em Matemática? Para tanto, uma live composta por mulheres mães com carreira na Matemática será analisada.

A LIVE “MATERNIDADE, MATERNAGEM E CARREIRA”

Este artigo se concentra na análise da live intitulada como “Maternidade, Maternagem e Carreira”³, realizada no dia 22 de março de 2023, transmitida pelo

³ A live pode ser acessada pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=59o9wmoeMW4>. Acesso em 20 nov. 2023.

canal do *YouTube* do grupo de pesquisa e extensão interinstitucional chamado “MatematiQueer: Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática”, sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Participaram da live cinco mulheres mães (uma delas já é vó) que possuem carreira e pesquisas nas ciências ditas exatas, particularmente as cinco mulheres são atravessadas pelo contexto da Matemática, mesmo que suas pesquisas estejam direcionadas para a Educação Matemática e carreiras sejam fundamentadas pela docência, em ensino superior e/ou ensino básico. Essa live contou ainda com duas mulheres que fizeram a interpretação na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Das cinco mulheres, três eram as convidadas que iriam expor suas (sobre)vivências e experiências articulando o campo da Matemática e o exercício da maternidade e maternagem⁴. As outras duas mulheres eram responsáveis pela mediação da live. Assim sendo, de início, Bruna Ramos e Geisa Corrêa, as mediadoras, exploraram e explicaram sutilmente o tema sobre o qual as falas futuras das convidadas iriam abordar.

Bruna se descreve como uma mulher cis, de 41 anos, mãe de um adolescente de 15 anos que tem altas habilidades e, portanto, possui algumas demandas especiais. A mediadora em questão diz que estuda as identidades das mulheres no campo da Física e que seu filho é a sua motivação para a realização de tais estudos. Ela nos conta que em 2007, quando engravidou, estava no doutorado, mas não havia ainda licença maternidade para bolsistas, então o seu orientador cortou sua bolsa. Isso lhe gerou problemas psicológicos, a ponto dela se distanciar por diversos anos da academia. Em 2020, conseguiu voltar para o doutorado, com uma pesquisa sobre gênero dentro das exatas, pois ela notou que a sua realidade não estava distante da realidade de outras mulheres, que optam por serem mães e estarem na academia. Dessa forma, ela expõe que o seu tempo, atualmente, é dividido entre seu filho e o doutorado e relata sentir ter sorte em possuir um companheiro ao seu lado que divide o exercício da maternidade e da maternagem.

A fim de suggestionar e instigar o debate da live, Bruna reflete sobre os impasses para aquelas mulheres que decidem ser mães e que querem seguir uma carreira: uma vez que ela compreende que o Brasil ainda é um país patriarcal e misógino. Ela cita, a partir disso, que o ex-presidente da república brasileira proferiu discursos nos quais ele se posicionava contra a contratação de mulheres, porque elas podem engravidar. Provavelmente, Bruna estava se referindo ao discurso proferido por Jair Bolsonaro numa entrevista para Luciana Gimenez no programa SuperPop (da RedeTv!), transcrito abaixo.

4 A maternidade tem sido identificada com o ato de gestar e parir uma criança, enquanto a maternagem associa-se ao processo de cuidado e vínculo construído entre mãe e filho após o nascimento da criança.

Olha, você não tem, olha no serviço público você não tem distinção, se fizer... se nós fizermos um concurso para sermos um sargento do exército, a gente vai ganhar a mesma coisa, para sermos aqui médicos do hospital qualquer (público, federal) é mesma coisa, agora na questão privada, nós não temos como interferir fica no livre arbítrio do empregador (...) *eu não empregaria com mesmo salário* (Jair Bolsonaro, 2016, grifo nosso).

A ideia de que as mulheres possuem um direito trabalhista a mais (a licença maternidade, prevista legalmente no Brasil), por vezes, é a justificativa usada para que o empregador não contrate mulheres ou as contratem com a condição de receber um salário menor. E tais limitações não se resumem apenas ao ambiente de trabalho. Na maioria das vezes o cuidado com os filhos e com os afazeres domésticos recaem quase exclusivamente sobre as mulheres, dificultando ainda mais a conciliação entre a carreira e o trabalho da casa. No máximo os homens “ajudam” nas tarefas domésticas. Diante desse cenário, ser mãe e ter uma carreira profissional ou acadêmica pode se tornar uma tarefa bem mais difícil e, portanto, a análise da live proposta neste artigo se mostra substancial, além de justificável.

Geisa, a outra mediadora, se apresenta como uma mulher branca cis, professora de matemática há 20 anos. Ela relata que engravidou durante o mestrado – uma gravidez planejada – de modo que seu segundo ano completo foi concomitante a sua gravidez. Ela conta que passou sua licença maternidade escrevendo a dissertação, que foi defendida quando sua filha tinha 9 meses de idade. Adiante, Geisa comenta que com o nascimento de sua filha ela tinha o mestrado, sua carreira e filha para gerir. Por três anos, em suas palavras, Geisa não conseguiu fazer nada além de cuidar da filha e trabalhar. Em 2019, ela começou a estudar novamente e reentrar no mundo acadêmico. Atualmente é doutoranda e se interessa a investigar o porquê das mulheres se notarem como não conseguindo progredir ou tendo que adiar a maternidade para realizar o mestrado ou doutorado. Geisa cita que seu marido a ajuda na criação da filha e acrescenta a sua crença que mulheres que não possuem uma rede de apoio podem acabar largando a carreira e às vezes podem não conseguir mais voltar.

Diante das exposições das mediadoras, as palestrantes são convidadas a falar uma a uma. A primeira fala é de Clélia Ignatius. Ela se apresenta como uma mulher branca, professora há mais de 50 anos, hoje aposentada pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), mas que continua atuando como professora de pós-graduação e participante de grupos de pesquisas. Ela diz que o fato de ser mulher direcionou a sua vida e carreira. Na sua época as meninas eram destinadas a fazerem magistério. Elas estudavam em escolas de freiras. No tocante ao exposto, é salutar colocar que as escolas brasileiras antigamente eram tomadas

pela presença única de homens, em especial católicos ou protestantes, que eram responsáveis pelo ensino. Todavia houve uma feminização da prática docente, que ocorrera no Brasil, em especial ao associar tal prática com cuidado, amor e sensibilidade (características que socialmente são atribuídas às mulheres), portanto somente mulheres seriam capazes de gerir uma boa educação aos meninos e meninas, da mesma forma que a formação de professores se constituiu/direcionou particularmente ao perfil feminino esperado para a época, objetivando que mulheres exercessem o magistério (Guacira Louro, 2003).

Clélia destaca ainda que em sua época, o ensino público era de melhor qualidade que o ensino privado, então, ela desejava cursar o ginásio na escola pública, mas seu pai, homem libanês muito rígido, somente permitiria que isso ocorresse se ela passasse em primeiro lugar na prova que selecionava os alunos, afinal as salas eram mistas (tinham meninos e meninas). Ela desejava fazer o curso científico, mas as mulheres só podiam fazer o magistério, então Clélia se comprometeu a fazer os dois ao mesmo tempo. O fato de ser mulher continuou interferindo na sua graduação, seu sonho de ser veterinária não poderia ocorrer, pois seu pai não permitia que ela saísse de casa para estudar. Ela então fez Licenciatura em Matemática.

Entretanto, Clélia conseguiu fazer um mestrado na Universidade de São Paulo (USP), no campus de São Carlos, após conquistar uma vaga para ser monitora da disciplina de Geometria Analítica desta universidade, numa turma, como pontua a expositora, que só havia homens. Ali ela conheceu seu atual esposo. Para ela, o casamento foi que a libertou, a tornou livre. Clélia conta mais de sua trajetória, até que consegue uma vaga para ser professora na UEM. Exercendo sua profissão, ela teve dois filhos com seu marido. Até então, como exposto, tudo estava saindo conforme planejado. Ela ia fazer doutorado na Inglaterra, estava com tudo organizado, mas engravidou de trigêmeos e precisou desistir de seu doutorado, naquele momento. A expositora conta que na sua época a licença maternidade era somente de três meses e como sua barriga estava grande precisou pegar um mês antes dos trigêmeos nascer, assim, quando eles tinham dois meses, ela precisou voltar a trabalhar. Em especial, vale colocar que dos três bebês, duas são meninas que são surdas. Uma de suas filhas precisava de muita atenção, foi uma dedicação muito grande para o cuidado dela. Clélia diz que foi muito difícil, a educação das meninas se deu segundo a oralidade e exigia muito da família. Além disso, ela ainda tinha os três meninos que também precisavam de atenção e cuidado.

Assim sendo, Clélia conta que terminou o mestrado em 1980 e só conseguiu entrar no doutorado em 1998. Esse intervalo de tempo foi dedicado exclusivamente aos seus filhos e estudos. A partir de suas exposições, é nítido que as

experiências que perpassaram a sua construção como mãe motivaram as suas pesquisas, seus interesses, seus estudos, ou seja, o cuidado exercido era constituinte de sua subjetividade. A fim de ilustrar essa interpretação, vale citar uma das preocupações de Clélia: o almoço em família. Durante a live a expositora comenta a dificuldade que tem em fazer um almoço para a família, dada a diversidade de paladares e restrições que filhos, noras, genros e netos possuem; é necessário se atentar a tudo isso. Ademais, Clélia diz que isso influenciou a sua prática docente, ela passou a realizar uma inversão do que tradicionalmente se faz nas salas de aula, pois entende que não se deve adaptar as coisas para as crianças com necessidades específicas: na verdade, se deve partir das necessidades específicas e ir agregando possibilidades e configurações para incluir todas as pessoas da sala de aula.

Além disso, a trajetória de Clélia evidencia a presença do cuidado para além das noções negativas que, normalmente, lhes são associadas. Para ela, há um entendimento acerca do exercício do cuidado como algo que lhe fez bem, a constitui. Para finalizar, a expositora acrescenta que priorizou as filhas, mas não desistiu do seu desejo de fazer o doutorado e hoje é uma mãe feliz, uma vó orgulhosa e não deseja desistir de sua carreira.

Após a fala de Clélia, Ana Paula inicia a sua se apresentando como uma mulher preta não retinta e professora de Matemática da educação básica. Inicialmente, ela expõe que é uma mulher preta, mãe, cientista, nordestina, periférica, evocando a necessidade de um olhar que compreenda o caminho compartilhado dessas características sobre as suas experiências. Esse tratamento pode ser compreendido a partir da interseccionalidade, categoria frequente nas pesquisas brasileiras (Flavia Rios; Edilza Sotero, 2019) e que se origina a partir das inquietações de mulheres negras e mulheres lésbicas que não se sentiam representadas pelo feminismo enquanto movimento que refletia as opressões vividas exclusivamente pela lente de mulheres brancas e mulheres heterossexuais (Adriana Piscitelli, 2008; Laura Moutinho, 2014; Debert; Pulhez, 2019).

Ademais, Ana Paula diz que deve tudo o que sabe sobre cuidado, arte e família a sua família nordestina e que passou por diversas construções, enquanto menina, para ser uma mulher. Sendo assim, o cuidado aparece desde cedo na sua vida, em especial sua mãe e pai sempre trabalhavam fora de casa e, portanto, a maternagem sempre esteve caminhando com a sua formação, uma vez que, por exemplo, ela já maternava o seu irmão. Ao longo de sua trajetória, se nota as dificuldades de se inserir em campos que predominavam a presença de homens. Ana conta que ao fazer um curso de processamento de dados, se deparou com um universo masculinizado, da mesma forma ocorreu ao adentrar no curso de Bacharelado em

Matemática. Acrescenta, ainda, que acessar a sala de aula como professora de matemática era muito difícil, de modo que ao terminar sua graduação e buscar inserção no mercado de trabalho, apenas surgiam vagas ligadas com a lógica da maternidade, como vagas para professores da educação básica. Dessa forma, fica evidente na fala de Ana que, mesmo com a associação do magistério como uma carreira de mulheres, como supracitado, a prática docente no campo da Matemática ainda reverbera dificuldades no que se refere à inserção das mulheres ao longo da evolução das séries/anos escolares. Com isso, Ana questiona:

“esse corpo feminino preto não retinto (que ainda tem esse lugar de ser muito branca para ser preta e muito preta para ser branca) nordestino, periférico, ele tá autorizado a ensinar matemática? (...)”

Acerca disso, Ana Paula coloca que em sua formação sempre foi cercada de mulheres muito poderosas, que a ajudavam a não desistir, mulheres que a inspiraram e foram espelhos para sua formação e constituição. Segundo Ana Paula, foram essas mulheres que fizeram com que ela entendesse que a Matemática também é seu espaço, que seu corpo está autorizado a produzir e ensinar Matemática, mas que não é fácil. Afinal, como coloca Ana nos seus slides de apresentação: “para muitos, a Matemática ainda é predominantemente branca, cis, hétero, masculina e eurocêntrica”. Ou seja, a Matemática ainda atua como uma ciência que ecoa uma gramática moral que determina quais corpos podem ocupá-la, constituindo-se claramente como uma ciência politizada e discriminatória.

Ana Paula é mãe de três filhos e desde o nascimento da primeira filha em 2005 até 2016, período que teve seus outros dois filhos, ela conseguiu fazer alguns cursos e pós-graduações, mas não alcançou o mestrado ou doutorado, pois mesmo tendo estabelecido uma rede de apoio, sua família tinha pouco dinheiro e ela tinha que trabalhar para se manter. Entretanto, a palestrante pontua que nunca desistiu do sonho de fazer tais formações. Adiante, ela consegue entrar no mestrado, mas seu pai adoece e Ana Paula é desligada de uma escola em que trabalhava e que era sua maior fonte de renda. Ela acrescenta que teve um parceiro muito bom, que lhe ajudou, afinal ela precisava cuidar exclusivamente do pai, de modo que foi necessário renunciar à sua bolsa. Quando seu pai conseguiu se recuperar, ela conseguiu ingressar num outro trabalho, depois surgiu outra bolsa e ela conseguiu iniciar a pesquisa. Nesse momento, nota-se o trabalho do cuidado para com as pessoas mais velhas ou enfermos, que não é visto como um trabalho, mas compreendido como “obrigação”, em especial das mulheres (filhas ou esposas).

Ainda conforme a narrativa de Ana Paula, ela conheceu, durante um evento de mulheres na Matemática, um grupo de mulheres negras matemáticas que

estava se organizando com outras mulheres negras matemáticas do mundo todo. Isso foi um divisor de água na vida dela, esse grupo a leva a um lugar de representatividade que Ana não tinha, pois mesmo estando cercada de mulheres maravilhosas ainda existiam dimensões de sua história que a faziam não conseguir almejar estar ali, no campo da Matemática.

Em seus slides, Ana coloca: “E quem se movimentou para que eu me movimentasse? Minha mãe! Minhas tias! Minhas primas! Minhas avós! Minhas bisavós! Todas as mulheres que me criaram!” Com isso, é evidenciado uma rede de cuidado, ajuda e educação estabelecida por e entre mulheres, a fim de criar seus filhos e garantir a (sobre)vivência deles (Guimarães; Vieira, 2020; Pimenta, 2020).

Continuando sua exposição, Ana afirma que às vezes sentia que cuidava mais do filho do outro do que dos seus, que parecia sempre estar distante, se referindo ao seu trabalho enquanto professora de Matemática. Conta que sua mãe a ajudou a desconstruir essa ideia, pois ela sempre esteve fora batalhando, mas nunca deixou de estar presente. Ela disse que as conversas que teve com as outras mulheres negras mostraram que elas tinham uma história parecida, uma mãe parecida: comungando para noção do trabalho do cuidado como racializado e generificado, como também ocorrera em Pimenta (2020) e Oliveira e Carmo (2020).

Ao longo da fala de Ana Paula, é nítido que sempre houve um agenciamento por sua parte para o cuidado e educação de seus filhos, ao passo que em si há uma angústia constante sobre a possibilidade de ela estar se dedicando mais ao trabalho do que para sua família. Essa mesma angústia assola a realidade de todas as mulheres presentes na live, uma culpa que perpassa suas realidades, ao fugirem do socialmente esperado a elas enquanto mulheres, como o cuidado integral aos filhos, a casa, a família. Especialmente, Clélia relata esse sentimento dado o distanciamento que tem de seus netos, por estarem em cidades distintas, sentindo que não é uma vó presente como acredita que deveria ser. Ademais, é comum que as mulheres sejam questionadas sobre com quem estão seus filhos enquanto elas estão trabalhando ou estudando. Perante isso, vale colocar uma consideração de Geisa que ocorrera na live.

“Eu sempre me pergunto se quando um homem decide fazer um mestrado, um doutorado, viajar à trabalho se alguém pergunta para ele: “mas com quem vão ficar seus filhos?” ou “O que você vai fazer?” Ninguém pergunta, é sempre...para o homem é permitido: ele abrir mão da família, ele investir na carreira, ele investir na profissão. E para mulher é sempre colocado esse sentimento de culpa (...)”

No que se segue, Gisela Pinto se apresenta como uma mulher branca e professora do ensino superior. Ela começa explicando que maternar é diferente de ser

mãe, maternar está relacionado com o que se espera socialmente de uma mulher, mesmo que essa não seja mãe. Por se nascer mulher já é esperado um cuidado, zelo, carinho, coisas que não são esperadas aos homens. Sobre isso, Gisela acrescenta que são as filhas que cuidam dos pais quando ficam mais velhos e não os filhos, evocando a generificação social do trabalho de cuidado. Em particular, a expositora nota que sempre se supõe que a professora é mais doce, carinhosa, flexível, pois essas são as características tomadas e associadas às mulheres, de tal maneira que as pessoas estranham quando uma mulher não corresponde a essas expectativas.

Gisela comenta que sempre foi incentivada a estudar, seus pais eram professores, sua mãe trabalhava (menos que o pai, em suas palavras), logo não era uma realidade distante ou estranha a graduação e o trabalho à mulher, a partir da relação intrafamiliar. Para mais, acrescenta-se que numa entrevista para mestrado foi perguntado se ela tinha filhos, Gisela se questiona se essa é questão que também foi realizada aos candidatos homens nesse mesmo processo de seleção e desabafa: “O filho é da mãe, essa é a hipótese, né, que tá por detrás, assim como o cuidado cabe à mulher, o filho cabe à mãe, né...Uma coisa implicada na outra só que num subconjunto né...”

A palestrante conta que no meio tempo do mestrado foi necessário se ausentar de casa diversas vezes, por diversas razões e a culpa, anteriormente discutida, sempre se fazia presente, pois parecia que ao fazer esses distanciamentos é deixado várias lacunas sobre seu papel de mãe, mulher, esposa, gestora de casa. Ela diz que por não ter parte da família mais próxima sentia que o cuidado caía mais na sua responsabilidade, foi necessário se delegar e conciliar tudo. Nesse caso, há um entendimento da atividade como cuidado que não se associa a um trabalho, mas como o cumprimento de uma obrigação, advinda do amor e responsabilidade familiar que a mulher deve ter para com seus membros familiares ou que vivem no domicílio (Debert; Pulhez, 2019). Além disso, Gisela acrescenta que os pais das suas filhas sempre colaboraram para ajudar a cuidar e cita que as pessoas durante as viagens, que ela precisava fazer, sempre perguntavam “com quem estão suas filhas?” e achavam estranho Gisela deixá-las com o pai questionando “mas você tem coragem de deixar elas com os pais?”. Clélia, adiante, comenta que já passou por situações semelhantes.

Em particular, Gisela diz que durante seu doutorado, inicialmente em São Paulo, ela precisava ficar fora alguns dias da semana e a culpa sempre vinha, como se ela tivesse largado, abandonado as filhas: mas repetia para si que essas estavam com o pai e ela estava em formação. Além disso, a expositora conta que suas filhas brincavam colocando a bolsa nas costas e dizendo que iam sair para

trabalhar. Na interpretação de palestrante, isso mostra o prazer de ir trabalhar, mesmo gostando muito de estar em casa, que enquanto mãe conseguia transmitir para elas, e evidencia o lar que as mulheres constroem como uma mãe que trabalha, que gere uma carreira e que esperam que maternem nos lugares por onde transita. Para finalizar, Gisela diz:

“O cuidado, o cuidar, é função de todos, do ser humano, não é função da mulher. É responsabilidade de todos que se põe a lidar com seres humanos e lidamos com seres humanos o tempo todo. Portanto, o cuidado é função de todos nós.”

Essa concepção exposta por Gisela muito se aproxima das colocações de Debert e Pulhez (2019) sobre a democratização do cuidado.

Para tornar o cuidado um valor democrático é preciso reconhecer nossa dependência e a dependência de cada um. Precisamos admitir que todos nós somos vulneráveis. O reconhecimento de nossas dependências mútuas não significa o sacrifício do sujeito e sim a compreensão do agir com responsabilidade em relação a si mesmo e aos outros.

As palavras de Tronto (2013), de maneira sintética, resumem esse novo desafio: é preciso trazer o cuidado para a democracia e, ao mesmo tempo, democratizar o cuidado (Debert; Pulhez, 2019, p. 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa breve análise da live “Maternidade, Maternagem e Carreira”, alguns aspectos ficam evidentes. Primeiro deles é que a despeito de todas as diferenças entre as mulheres participantes, não apenas no que se refere às trajetórias individuais, mas também em termos de raça e geração, gênero é um marcador social fundamental na forma como vivem e agenciam seus percursos e experiências profissionais. Todas falam sobre as dificuldades em se identificar, acessar e permanecer em um campo predominantemente masculino, como a Matemática. É como se elas precisassem constantemente negociar com essa entrada, isto é, aliando a Matemática ao ensino, tradicionalmente associado ao feminino.

Como em outras carreiras, o trabalho do cuidado como obrigação que recai sobre as mulheres é uma outra dimensão da experiência que limita a permanência no campo da Matemática. Quanto mais masculinizada a área, menor o espaço para o cuidado. Na realidade, cuidar torna-se algo invisível e desvalorizado, um fardo que atrapalha o pleno desenvolvimento de uma carreira. Sendo assim, as mulheres se veem obrigadas a escolher entre seguir seus percursos acadêmicos

e profissionais ou se dedicar à maternagem. Interessante notar que na fala das participantes da live, os homens, seus companheiros, maridos ou namorados, são citados como pessoas que colaboraram em seus percursos. Elas vocalizam as ações desses homens como “ajuda”, mas não como compartilhamento de responsabilidades.

Por fim, outro aspecto importante a ser ressaltado é a ambiguidade do cuidado na produção da subjetividade dessas mulheres que envolve também sua constituição como profissionais. Nas falas das participantes, o peso do cuidado aparece muito mais porque as mulheres ficam sozinhas (ou no máximo são “ajudadas”) com essa obrigação. Ou ainda porque se vivenciam situações de exclusão e preconceito em ambientes acadêmicos e profissionais por serem mães. Contudo, é possível também notar que nas falas dessas mulheres, o cuidado é vivido como uma experiência de ampliação de percepção do mundo que também é levado para o fazer profissional no sentido de se implicar e se importar com outras pessoas.

REFERÊNCIAS

BOLSONARO diz que não pagaria a mulheres o mesmo salário dos homens.

RedeTV!, 2016. Disponível em: <https://www.redetv.uol.com.br/superpop/videos/ultimos-programas/bolsonaro-diz-que-nao-pagaria-a-mulheres-o-mesmo-salario-dos-homens>. Acesso em 20 nov. 2023.

DEBERT, Guita Grin; PULHEZ, Mariana Marques. Apresentação. In: DEBERT, Guita Grin; PULHEZ, Mariana Marques (orgs.). **Desafios do cuidado: gênero, velhice e deficiência**, 2ª ed. Campinas, SP: UNICAMP/IFHC, 2019. p. 5-27. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/omp/index.php/ebooks/catalog/view/120/112/371>. Acesso em 20 nov. 2023.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; VIEIRA, Priscila Pereira Faria. As “ajudas”: o cuidado que não diz seu nome. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 98, p. 6-23, jan-abr, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3498.002>. Acesso em 20 nov. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003

MENDICK, Heather. A beautiful myth? The gendering of being/doing 'good at maths'. **Gender and Education**, v. 17, 2, 203-219, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0954025042000301465>. Acesso em 09 nov. 2023.

MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 201 - 248, jan./jul. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/CYYSsFmdHWTGN-cBqYQKQ9Rw/abstract/?lang=pt>. Acesso em 09 nov. 2023.

OLIVEIRA, Alessandra K. Tavares de; CARMO, Milena Mateuzi. "Dar conta": cuidado, afeto e redes de ativismo em tempos de pandemia. **Boletim cientistas sociais - a questão étnico racial em tempos de crise**, n. 37, p. 1 - 5, 2020. Disponível em: <https://anpocs.org.br/2021/03/02/boletim-a-questao-etnico-racial-em-tempos-de-crise/>. Acesso em 09 nov. 2023.

PIMENTA, Denise. Pandemia é coisa de mulher: Breve ensaio sobre o enfrentamento de uma doença a partir das vozes e silenciamentos femininos dentro das casas, hospitais e na produção acadêmica. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, Pelotas, v. 8, p. 8 - 19, jan/jun, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/1033/831>. Acesso em 20 nov. 2023.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 263 - 274, jul/dez, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247>. Acesso em 09 nov. 2023.

RIOS, Flavia; SOTERO, Edilza. Apresentação: Gênero em perspectiva interseccional. **PLURAL**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1-10, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2019.159740>. Acesso em 20 nov 2023.